

INTERFERÊNCIAS DE VALORES MORAIS E RELIGIOSOS NA PRÁTICA PSICANALÍTICA E NA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS, PSIQUIATRAS, TERAPEUTAS, E PSICANALISTAS

Cláudio Castelo Filho - Analista didata da SBPSP, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Doutor em Psicologia Social e Livre Docente em Psicologia Clínica pela USP

Resumo

A prática da psicanálise pode permitir a revelação de sistemas morais-religiosos que estariam no cerne de conflitos dos analisandos, mesmo daqueles que se definem ateus. Descobrir qual é o sistema ou deus a que estão submetidos seria tarefa importante do trabalho analítico. O conhecimento de tais sistemas morais-religiosos possibilitaria ao analisando o desenvolvimento de uma capacidade para pensá-los e, eventualmente, elaborá-los. A mesma prática psicanalítica pode por em evidência sistemas morais-religiosos na própria atividade psicanalítica do psicanalista ou de grupos de psicanalistas confundindo a psicanálise com catequese e doutrinação. O reconhecimento da impregnação desses sistemas na mentalidade dos psicanalistas ou de grupos de psicanalistas é essencial para que se possa lidar com os mesmos. Essa é uma questão de fundamental importância nas análises de formação de psicanalistas e psicoterapeutas.

Palavras chave: moral; religião; psicanálise; imitação; narcisismo<->social-ismo.

Bion comentou que a finalidade de uma psicanálise seria a de apresentar uma pessoa àquilo que ela seria, o que poderia levá-la a viver uma vida mais de acordo consigo mesma e a desenvolver os recursos que realmen-

te dispõe, de acordo com sua personalidade¹. Se alguém é um ladrão, com a análise, poderá tornar-se um melhor ladrão². Dessa forma, consideramos que estaria deixando claro o não alinhamento da psicanálise com os valores morais ou religiosos que possam estar estabelecidos por qualquer grupo.

Em uma supervisão feita no Brasil³ sobre o atendimento de uma analisanda anoréxica, chegou à ideia de que ela (inconscientemente) opunha-se à obrigação de gerar bebês que lhe seria dada pela “natureza”, ou por alguma força desconhecida, que levaria um indivíduo a procriar, usando-o como instrumento de perpetuação de algo que não ele mesmo e a despeito de seus próprios interesses particulares. Bion colocou-se francamente a favor do indivíduo – no caso, da analisanda, ou seja, que era seu direito recusar-se a ter filhos, não atendendo às exigências

¹ “Pouquíssimas pessoas pensam que é importante ser apresentado a si mesmo; no entanto, um parceiro de quem o paciente jamais poderá se livrar, enquanto estiver vivo, é ele mesmo. (Bion, 1992, p. 76). Ver também, Bion, 1977, p. 37.

² Em entrevista à *Ide Frank Philips* (1987) relatou: Eu me lembro de uma anedota do Bion a este respeito – acho que foi numa dessas conferências aqui em São Paulo – em que ele disse que se ele for solicitado por um bom ladrão para fazer análise, ele poderia analisá-lo e seria provável que, se ele tiver mesmo um talento natural, ele sairia um ladrão melhor devido à análise.

³ Supervisão 35, traduzida pelo Dr. José Américo Junqueira de Mattos, distribuída aos membros da SBPSP.

dessa “força” que a desconsiderava enquanto indivíduo, e à(s) do(s) grupo(s) sociais que a representassem.

1.

Um casal de mais idade solicitou-me uma entrevista, muito aflito com o comportamento de seu filho, um homem com cerca de trinta anos, que estaria sem trabalhar, vivendo em farras e consumindo grandes quantidades de bebidas alcoólicas.

Na entrevista, o pai apresentou-se como uma pessoa que sempre cumprira todos os seus deveres sociais, tendo sido um trabalhador exemplar e atendido todas as expectativas sociais que seus pares haviam depositado nele. Tanto ele, quanto a mãe, contudo, pareceram-me ser extremamente infelizes e amargurados com suas próprias vidas. Propus a possibilidade de pensarem que o filho deles estivesse tentando escapar da sina dos pais pela via oposta. Na ideia do filho (provavelmente inconsciente), os pais ao terem cumprido exemplarmente tudo o que deles se esperou (ou acreditaram ter sido esperado), acabaram não vivendo suas próprias vidas e nem atendendo quaisquer necessidades ou interesses próprios. Viveram uma vida para os outros e não para eles mesmos e acabaram muito insatisfeitos. Sendo assim, o filho, ao procurar ser feliz, busca o inverso do que fizeram os pais – o que também não seria garantia de felicidade (potencialmente o contrário⁴). Ponderei que talvez fosse útil,

⁴ Tenho o ponto de vista que cada um deve saber o que lhe convém. É do direito do indivíduo decidir o que lhe apraz. Se sua felicidade for realmente fazer farras e beber até morrer e ele estiver satisfeito com isso, só a ele isso daria respeito enquanto não interferir diretamente na vida de outros (o que seria uma questão social ou policial, mas não psicanalítica). Se, por outro lado, sentir que tal modo de lidar com suas emoções deixa a desejar ou o prejudica e demonstra interesse em devolver outros recursos para negociar com elas, caberia ao analista entrar na questão e propor-se a analisá-lo. Freud, de modo similar, também

caso tal especulação correspondesse a alguma verdade, que o filho pudesse saber disso.

Os pais consideraram a verossimilhança de tal hipótese, porém, não quiseram saber dela, insistindo que eu atendesse o filho para corrigi-lo e levá-lo ao “bom” caminho, tornando-o um bom respeitador das leis e das exigências sociais. A história continua, mas para o que visa este trabalho, o que está dito já seria suficiente.

Em diversos trabalhos de atendimentos de casos lemos que o analisando era pouco sociável, tinha uma péssima relação com seus familiares, era solteiro, não tinha trabalho, ou se casado, desconsiderava os filhos e a esposa, tinha amantes, “perversões sexuais”, e assim por diante. Com o desenvolvimento proporcionado pela análise, ele termina casando, tendo filhos, um ótimo emprego ou sendo capaz de ganhar dinheiro, passa a ser atencioso com mulher (marido) e filhos etc.

Isso seria a evidência do sucesso de uma análise ou de um desastre pessoal?

A indagação começa pela impossibilidade de verificar o que o analisando diz estar acontecendo fora do consultório, para depois considerar se tal resultado, caso tenha qualquer correspondência com os fatos, implicaria que alguém foi capaz de apropriar-se de recursos próprios e de viver conforme seus próprios anseios, atendendo àquilo que realmente o faz feliz, ou que o analisando apenas submeteu-se à moral religiosa (consciente ou inconsciente) do seu analista?

2.

Na análise de um jovem executivo que chega muito desagregado para ser atendido,

expressou opinião similar em “O ego e o id”. Na nota de rodapé da página 50 escreve: “analysis does not set out to make pathological reactions impossible, but to give the patient’s ego *freedom* to decide one way or the other.” (Itálico de Freud).

percebo que seu discurso alterna-se entre algo muito coerente e perspicaz sobre sua própria condição e sofrimento e frases difíceis de serem compreendidas ou estados que se aproximam de alucinações.

Com o decorrer da análise, verifico uma situação que me deixa perplexo, pois o analisando expressa-se de modo muito sensível e descreve de modo bastante arguto seus estados de mente complicados e persecutórios, e depois mergulha desesperado nos mesmos estados que logo antes descrevera ou que descreve logo após emergir deles, durante as próprias sessões.

Ele espera que eu o libere desses estados. Verifico que tal esforço para “curar-se” desses tormentos o leva a ficar ainda mais atormentado e desesperado pela expectativa e exigência de ver-se livre deles. Proponho ao analisando que no lugar de tentar despregar-se do que acha doente e perturbado, que nos detenhamos na observação do que aquilo seria.

O analisando descreve situações (que acontecem também durante as sessões, que com o tempo passou-se a ter uma ideia do que se trata) em que se vê tentando substituir-se por outra ou outras pessoas que seriam mais capazes de executar as tarefas da vida que acredita que seriam esperadas dele, melhor do que ele mesmo. Muitas vezes desespera-se ao ver que quando começa a identificar-se com uma pessoa, logo aparece outra imagem, o que o leva a um impasse, pois não consegue escolher uma delas. Passa a tentar livrar-se de uma das imagens, o que revela-se impossível, acontecendo mesmo o contrário, surgindo uma terceira, quarta etc., deixando-o completamente fragmentado.

Todas essas “pessoas”, a seu ver, teriam as características necessárias à vida que lhe faltariam. A despeito de ser um jovem mui-

to bem apessoado, considera-se alguém sem atrativos pessoais, da mesma forma que, do ponto de vista da inteligência seria, para o analista, alguém finamente dotado e sensível, percebe-se obtuso e sem recursos.

Proponho que seu sentimento de ser mentalmente limitado deveria corresponder a uma real incapacidade de lidar com a vida prática, pois toda vez que se via diante de um problema a ser lidado, considerava que deveria pensar conforme fulano, sicrano ou beltrano, que seriam mais capazes do que ele. Como fulano e beltrano não estariam disponíveis para serem imitados durante as vinte e quatro horas do dia, e mesmo quando estavam o que eles acabavam fazendo era surpreendente e diferente do que teriam feito em ocasiões pregressas, ele nunca tinha um discernimento sobre o que fazer durante um evento, pois suas próprias ideias, sempre consideradas como ruins ou insuficientes, não podiam ser desenvolvidas para lidar com os fatos. O mesmo, segundo ele, também acontecia em seus relacionamentos pessoais, sempre que se encontrava ou namorava uma moça, via-se querendo ser outro ou com as características de outro homem, que seriam melhores que as suas, para, segundo sua crença, ser capaz de atender às expectativas que atribuía às mulheres. Procurava, portanto, livrar-se de si mesmo, “esvaziando” de sua própria essência, tentando substituí-la por “algo melhor”, e acabava sem nada, ou pior, aterrorizado com o medo de perder-se de si mesmo, de esquecer quem de fato seria, e fragmentado entre as múltiplas possíveis identificações que lhe surgiam – o que me lembrava de forma intensa as descrições feitas por Julien Green (1995) em seu romance *Se eu fosse você* de que Melanie Klein (1955/1980) se valeu em seu artigo Sobre identificação.

Deste ponto em diante, partimos para uma pesquisa concomitante do que o levaria a sentir-se tão desqualificado.

Com bastante paciência no seu acompanhamento, foram surgindo, entre outras, diversas fantasias de cunho sexual que ele considerava inaceitáveis e que o tornavam, segundo ele, um pária.

Suas tentativas de livrar-se dessas fantasias o deixavam enlouquecido, tentando evacuar-se de si mesmo. Propus que não tentasse livrar-se delas, pois aquilo não somente não se revelava útil, mas o deixava cada vez mais louco, pois suas tentativas de eliminar aquele que as tinha o deixavam também a um passo de suicidar-se. Disse-lhe que ao menos se permitisse pensá-las e aceitar que as tem.

Primeiramente o analisando assustou-se muito com tal hipótese e chegou a faltar a diversas sessões que se seguiam a apreensões de algumas delas. Alertei, também, seguidamente para o risco de autoeliminação como modo de escapar delas, ou de destruição completa de sua mente como modo de ver-se livre do que ele considerava inaceitável. Seriam questões humanas das quais a humanidade não tem “cura” e que precisariam, pelo menos, serem pensadas por ele.

Com o tempo, o analisando acabou apresentando-se um pouco mais integrado e confortável na própria pele, permitindo-se começar a pensar o que sempre julgou impossível e inaceitável. Sua inteligência apresentou-se de modo mais nítido, pois, conforme minha observação, era um rapaz bastante sensível, intuitivo e perspicaz, talvez a um ponto de assustar pessoas de seu grupo com aquilo que seria capaz de perceber e, eventualmente, revelar.

A questão é sexual? Ou a questão é da perspicácia e capacidade de apreensão de fenômenos pessoais ou sociais de seus pares,

que precisaria ser anulada (para ele não se sentir rejeitado ou para não ser realmente afastado por seus próximos que ficariam assustados com seu “faro”)?

3.

Em um relato de atendimento em um encontro científico um colega muito bem intencionado e sério disse que teria evitado o suicídio de seu paciente apelando para a religiosidade dele que sabia ser muito acentuada. Chamou-lhe a atenção sobre a culpa que viveria no céu (ou no inferno?) ao observar seus parentes sofrendo pelo seu ato desatinado. O paciente teria dito ao terapeuta que toda vez que pensava em se matar lembrava o que ele teria dito e sustava a ação.

Por outro lado, pensamos: vale a pena viver a vida de qualquer modo? E se o paciente pensava sempre em se matar porque ao ter de viver conforme sua religião sentia-se impedido de viver a sua vida real, aquela que seria a sua vida mesmo, pois essa entraria em confronto com seus dogmas religiosos? Não podendo ser ele mesmo, seja lá o que isso venha a ser, e tendo de viver uma vida que lhe seria imposta por seus valores sociais e religiosos que o impediria de realizar-se pessoalmente e de se contentar no atendimento de suas necessidades próprias, valia a pena continuar existindo? Ele não poderia ser ajudado a ver esse conflito?

Não consideramos que o analista deva tomar partido por uma solução, mas que deva evidenciar ao analisando qual é o conflito que vive e que, na maioria das vezes, não sabe e não tem como pensá-lo.

O trabalho psicanalítico pode desvelar um sistema moral religioso que esteja no cerne de conflitos do analisando que ele desconheça. A serviço de que Deus ele estaria? Sua função, contudo, não é atacá-lo ou procurar

que o analisando o abandone. Tais sistemas morais-religiosos podem inclusive fazer parte de modos de sobrevivência mental do analisando e sua perda poderia representar uma ruptura psicótica para quem não possui outro modo de organizar-se na vida. Os sistemas morais religiosos servem para ordenar um funcionamento (diz o que deve e o que não deve ser feito) quando indivíduos não possuem e não alcançam um discernimento próprio, o que só se faz possível por meio da elaboração de vivências depressivas que só são acessíveis para quem tolera e pode assimilar as experiências emocionais.

A análise poderia, por outro lado, levantar a possibilidade de questionamento dos sistemas morais-religiosos, pois os mesmos instrumentos de sobrevivência podem, com o passar do tempo, transformarem-se em ameaças à própria sobrevivência,⁵ à medida que novos recursos psíquicos venham a se desenvolver e que o analisando sinta que possa contar com a própria capacidade de pensar e, por conseguinte, consigo mesmo. O meio para isso seria o auxílio do analista no desenvolvimento da capacidade do analisando de tolerar, assimilar, nomear e pensar, suas próprias experiências emocionais, principalmente as que evoluem durante as sessões analíticas, na companhia atenta e receptiva do analista (da capacidade deste último para *rêverie*).

4.

Quanto à questão das análises de psicólogos, psiquiatras, e, principalmente na de formação de psicanalistas, a prática psicanalítica também pode revelar os sistemas morais-religiosos, o Deus ou os deuses, que permeiam essa própria prática.

⁵ Tal como as armaduras, que foram acessórios de alto valor de sobrevivência na Idade Média, que seriam totalmente inoportunas ou desastrosas caso os soldados as usassem nas guerras atuais.

Essas análises costumam ser particularmente persecutórias, pois os analisandos chegam com a ideia de que deveriam tornar-se algo que seria *o certo* ainda mais realçada do que na maioria dos demais pacientes. Consideram que se não forem vistos como “normais”, ou algo idealizado e tido como “normal”, não seriam dignos de exercerem suas funções ou seriam alvo de desprezo e discriminação por parte dos seus analistas, que seriam pessoas superiores, “curadas”,⁶ “boas” e livres de todos os males.⁷ Essa persecutoriedade, porém, pode ter muito fundamento nos fatos. Costuma ser amiúde verdadeiro que analistas efetivamente se identifiquem com figuras que já teriam se “curado” de suas “mazelas” humanas e atingido algum patamar superior e diferenciado de onde, quando falam, expressariam a verdade última, falando por um Deus ou confundindo-se com o próprio Deus. Se o analista tiver noção dessas questões, e não estiver identificado com tal personificação, poderá evidenciar essas fantasias, diminuindo a persecutoriedade do analisando que poderá começar a percebê-lo como um outro ser humano comum, talvez um pouco mais experiente e especializado em sua função. O analisando, por sua vez, poderá sentir-se mais livre para entrar em contato consigo mesmo, para ser quem realmente é, e não algo que “teria de ser”.

⁶ “A tendência a equiparar análise a ‘tratamento’, e ‘cura’ a melhora, é sinal de que a análise está ficando restrita, sendo a limitação posta no crescimento do analisando, com vista à manutenção da paz de espírito do grupo” (Bion, 1988, p. 140).

⁷ “Para ter uma boa ideia dos vários hábitos e lados fracos do analista, a única coisa que o paciente precisa fazer é ficar vindo por um determinado período de tempo. Este paciente pode ser *igualzinho* ao analista e estar curado *igualzinho* ao analista. O problema é que isto não parece ser adequado ou satisfatório. É o resultado que se consegue de modo mais fácil e rápido; há um estágio que é mais difícil e de, certa forma aterrador, que não é o paciente se tornar *igualzinho* ao analista, mas é se tornar alguém que está *tornando-se* alguém.” Bion, 1992, p. 28. (itálicos de Bion)

Considerando que um problema sério é a idealização que os analistas, psicólogos e terapeutas, em geral, costumam fazer de si mesmos e da obrigação religiosa de chegarem a algum tipo de pureza “sublimada”; de fazerem parte de algum Valhalla. É muito fácil e tentador para nós, analistas, vermos-nos identificados com figuras idealizadas, “boas” e superiores, e passarmos a nos comportar como tal, ficando presos aos personagens superiores e impedidos de vivermos nossas próprias vidas, de sermos humanos, para tentarmos, aprisionados dentro de um boneco idealizado, vivermos conforme os ditames de tais idealizações massacrantes.⁸

Penso que muitas vezes acontece algo que seria um revés na psicanálise, pois o indivíduo se esforça para tornar-se um psicanalista, algo caricato que substituiria sua personalidade por algo “superior” e “bom”, que já teria se livrado das complicações e “baixezas” humanas. Nos comentários de *Estudos Psicanalíticos Revisados* Bion escreveu:

Não há postulante à análise que não tema os elementos psicóticos nele existentes e não creia poder atingir um ajustamento satisfatório, sem que se analisem esses elementos. Uma solução desse problema é particularmente perigosa para quem estiver engajado em dar formação: o indivíduo busca lidar com o dito medo tornando-se candidato, de sorte que o fato de ser aceito para formação possa ser tomado como atestado oficial de imunidade passado por aqueles que melhor se qualificam para sabê-lo. Com a ajuda do seu próprio psicanalista, poderá seguir fugindo de se

⁸ Vemos também a tendência a se idealizar os grandes pensadores de nossa ciência, constituindo-os em exemplares de retidão e integridade, aproximando-os da santidade ou de um estado de veneração, negando a realidade de que foram seres humanos comuns, com todas as dificuldades, esquisitices, e idiosincrasias, que nos caracterizam. O conhecimento dessas características próprias, por meio da análise, pode dar-nos alguma condição de negociar com elas, permitindo algum manejo do nosso mundo interno, o que viabilizaria, de um modo mais eficaz, o lidar com a realidade externa.

defrontar com seu temor, e terminar por vir a ser um pseudoanalista. Devido à identificação projetiva (na qual não acredita), sua qualificação como analista consiste na capacidade de se vangloriar de se haver libertado da psicose – motivo por que menospreza os pacientes e os colegas. (1988, pp 143-144)

Esta é uma clara situação religiosa, mesmo por parte daqueles que se dizem não religiosos.⁹ Se o analista estiver aprisionado nesse tipo de condição mental passará a catequizar seus analisandos em vez de analisá-los. Ao analista, durante sua prática, não cabe propagar sua moral ou sua religião. Sua análise pessoal deveria auxiliá-lo a ter consciência e reconhecer seus próprios sistemas morais-religiosos para que possa pensá-los e, quiçá, elaborá-los, de modo a não tornar-se, sem perceber, em um tipo de sacerdote ou guru, que doutrina seus analisandos.

Tal situação configuraria a predominância de funcionamento de grupos de pressupostos básicos e não de trabalho¹⁰ (tanto no par analítico nas sessões quanto nas associações de psicanalistas), tal como evidencia Caper (2009) em *Psicanálise, o indivíduo e o grupo*. No de dependência haveria a crença em um Deus benevolente e onipotente que asseguraria a sobrevivência do grupo e a realização de seus objetivos, no de luta-fuga de que não haveria problema que não possa ser resolvido pela violência ou por uma evasão habilidosa e, no de acasalamento, os mem-

⁹ “O psicanalista deverá confrontar a atitude desvendada na experiência analítica com a atitude face ao seu pai, ao seu psicanalista, ou ao Deus que estiver propenso a reverter. Em suma, o indivíduo tem, e mantém, o que as pessoas religiosas chamam de crença em Deus, não importa o quanto a negue ou pretenda ele ter-se emancipado. A relação final é permanente, embora sua formulação esteja sujeita a constante reformulação. Deixar de reconhecer esse vértice torna impossível ter-se uma perspectiva equilibrada do indivíduo ou do grupo, e constitui a base da suposição de que existe uma ‘reação terapêutica negativa’”. Bion, 1988, p. 131.

¹⁰ Bion, 1961.

bro esperam pacientemente e inertes, pois da união de dois deles surgirá um Messias que solucionará todos seus problemas. Alerta, contudo, que nenhum grupo, por mais realista que seja está completamente livre de atividade de pressuposto básico, pois lidar com os fatos, com a realidade, sempre estimula consideráveis e, muitas vezes, insuportáveis sentimentos persecutórios e de desamparo. A crença no pressuposto básico procura fornecer segurança e conforto, e caso prevaleça, ela própria não deve ser examinada. Uma tarefa primordial para a psicanálise, ainda segundo Caper, seria trazer à luz as crenças de pressuposto básico. Se isso ocorre, a análise estaria sempre associada à liberação de ansiedades que a tornariam insustentável. Mas se não ousar e flertar com esse perigo, nunca atingirá o objetivo de crescimento psicológico. Cito Caper:

A psicanálise, não funciona se não causar insegurança. Fazer análise é como caminhar: nós nos arremessamos em uma posição instável e, então, no último momento, lançamos uma perna para não cair. Nossa postura continua a mesma de antes, mas estamos um passo adiante. ... O Trabalho de um Grupo de Trabalho psicanalítico é a observação, especialmente a observação das atividades do Grupo de Pressuposto Básico psicanalítico. Essa observação solapa a efetividade desses pressupostos, criando, desse modo, o risco da liberação de uma ansiedade insuportável. A observação psicanalítica testa os limites da nossa capacidade de tolerar insegurança.¹¹ (Caper, 2009)

Psicanalista não é o substituto de uma personalidade, é uma função a ser exercida pela personalidade de alguém. A pessoa que não possa deparar-se com aquilo que ela de fato seria (esteja de acordo ou não com as expectativas sociais), com suas características pessoais, com seus humores e modos de ser

¹¹ Tradução desta citação de Caper de Liana Pinto Chaves e revisão de Haroldo Pedreira.

próprios, estaria fadada a viver de imitações e caricaturas de algo que “deveria ser e existir” – o que seria o oposto de uma psicanálise que poderia ajudar uma pessoa a conhecer-se a si mesma (como propõe o oráculo de Del-fos¹²), o que a permitiria desenvolver alguma capacidade de negociar com e administrar seus próprios impulsos, desejos, conflitos e peculiaridades (só se pode negociar com e administrar aquilo que se conhece, de que se tem consciência) – o que também auxiliaria a desenvolver condições para lidar com os grupos de que faz parte. O conflito fundamental do ser humano, como teria proposto Bion em *Cogitations* (1992b, p. 105), não seria entre os instintos sexuais e os do ego, conforme a primeira tópica de Freud, mas entre o narcisismo e o social-ismo.¹³ Pondo de outro modo: como ser você mesmo em meio ao(s) grupo(s) de que faz parte?

Abstract

The practice of psychoanalysis may reveal the existence of moral-religious systems that would be in the core of the analysand's conflicts, even to the ones that declare them-

¹² Penso haver uma grande diferença nas duas posturas de Édipo nas tragédias de Sófocles. Em Édipo Rei há a procura de um culpado e da punição de um crime – o conhecimento resulta em tragédia. Na Segunda, Édipo em Colono, a postura é de compaixão humana revelada na postura de Édipo quando contraposto a Creonte que o acusa, mais uma vez moralmente, de seus “crimes”, por não atender sua expectativa de retorno a Tebas que seria protegida pelos deuses caso Édipo lá fosse enterrado, o ex-rei parricida o indaga se diante de um estranho que avançasse com armas sobre si ele iria, antes de pegar sua espada para defender-se, pensar se aquele era seu pai ou seu irmão, o algo do gênero. Édipo, sábio, e não mais arrogante e procurando um culpado, também considera, nessa segunda tragédia, a desnecessidade de ter-se cegado e se jogado ao desterro na miséria como o fizera. Algo nessa linha também poderia ser considerado no extraordinário romance de Thomas Mann, *O Eleito*, sobre a vida do papa Gregório III, numa situação de duplo incesto.

¹³ Ver também Bion, 1977, cap. 6.

selves atheists. To disclose the system or the god that the patient obeys is an important task in our work. The recognition of these systems could develop the analysand's capacity to work through them. The practice of psychoanalysis can also disclose the existence of moral and religious impregnation in itself or in psychoanalytic groups. If this is not realized psychoanalysis and psychoanalysts may become confused with bigotry. The recognition of this contamination in the mentality of psychoanalysts and of their associations has a main importance in order to avoid the transformation of a scientific practice in doctrination. This is a very serious matter in the formation of psychoanalysts and in training analysis.

Keywords: morals; religion; psychoanalysis; imitation; narcissism<->social-ism.

Referências

- BION, W.R. (s.d). Supervisão 35. (José Américo Junqueira de Mattos, trad.). Documento distribuído aos membros da SBPSP.
- BION, W.R. (1961). *Experiences in Groups*. London: Tavistock. (Trabalhos realizados entre 1948-1951)
- BION, W.R. (1977). Transformations. In W.R. Bion, *Seven Servants. Four Works by Wilfred R. Bion*. New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1965)
- BION, W.R. (1988). *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- BION, W.R. (1992). *Conversando com Bion: quatro discussões com W.R Bion – Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago.
- BION, W.R. (1992b). *Cogitations*. London: Karnac.
- CAPER, R. (2009). Psychoanalysis, the individual and the group. In R. Caper, *Building out into the Dark: Theory and observation in science and psychoanalysis* (pp. 83-88). London: Routledge.
- FREUD, S. (1978). The ego and the id. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 12-66). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1923)
- GREEN, J. (1995). *Se eu fosse você*. São Paulo: Siciliano.
- KLEIN, M. (1980). On Identification. In M. Klein, *Envy and Gratitude and Other Works: 1946-1963*. London: Hogarth Press, 1980, v. 3, pp. 141-175. (Trabalho original publicado em 1955)
- MANN, T. (2000). *O eleito*. São Paulo: Mandarim. (Trabalho original publicado em 1951)
- PHILIPS, F. (1987). Psicanálise? Uma conversa com Frank Julian Philips. Entrevista concedida a Leopold Nosek, Reinaldo Lobo e Luiz Carlos Junqueira Filho. *Ide*, 14, 26-31.
- SOPHOCLES (1967a). Oedipus the King. In M. Hadas (Ed.), *The complete plays of Sophocles* (pp. 75-114). New York: Batam Books.
- SOPHOCLES (1967b). Oedipus at Colonus. In M. Hadas (Ed.), *The complete plays of Sophocles* (pp. 75-114). New York: Batam Books.

Claudio Castelo Filho
 Rua Carlos Sampaio, 304, cj. 72
 01333-020, São Paulo, SP
 Tel: 11 3284-0424
 claudio.castelo@uol.com.br